



Tem havido uma série de ações de extermínio contra comunidades inteiras. Entre as vítimas históricas dos massacres encontramos os armênios, os judeus, os anabatistas cristãos e os povos indígenas da África, da América do Norte, da América Central e da América do Sul, para citar apenas alguns exemplos.

A existência atual de armas nucleares representa o perigo e a possibilidade constantes de que ocorram mais desses crimes em grande escala contra populações indefesas. Isso poderia ocorrer até mesmo por acidente e não como uma ação deliberada, por exemplo, no caso das bombas atômicas.

Uma tarefa importante, no século 21, é entender o passado e desmascarar as ilusões que provocam a crueldade, para que o pesadelo do assassinato em massa desapareça para sempre da história humana.

Helena Blavatsky escreveu:

“A crueldade é filha do fanatismo, e a história está repleta de exemplos de filhos de mártires de um tipo ou de outro que se tornaram opressores e tiranos. E mais, os próprios mártires, muitas vezes, mudam de atitude quando o drama dos seus próprios sofrimentos é esquecido, e no ímpeto do triunfo passam a intimidar, prejudicar ou torturar uma nova geração de heterodoxos.” [1]

E Blavatsky acrescentou no mesmo parágrafo:

“De todos os fanáticos cruéis, os católicos espanhóis talvez tenham conquistado a reputação mais vergonhosa. Sua selvageria para com os judeus e hereges na Espanha e para com os índios selvagens das suas Américas recém-descobertas são uma mancha negra na história da raça humana”.

A Espanha é maior do que os seus erros. Assim como os EUA, a Europa, a Alemanha, a Itália, o Brasil e todo país ou organização humana cuja intenção seja boa e legítima. Como resultado, não há razão para não ser honesto sobre os erros cometidos no passado ou para não tirar lições deles.

O princípio da justiça impessoal para todos desempenha um papel básico na filosofia teosófica, e Helena Blavatsky era uma amiga sincera das nações andinas e da sua sabedoria. Ela visitou pessoalmente pelo menos duas vezes os Andes, e tinha motivos para estar intimamente ligada também aos povos indígenas da América Central e do Norte e suas tradições espirituais.

## NOTA:

[1] “Collected Writings” de Helena Blavatsky, TPH, EUA, volume IV, p. 33. Sobre esta alternância desequilibrada de violência, em que um povo é primeiro vítima e depois algoz, veja a abordagem de Jesús Lara à página 18 de sua obra “La Poesía Quechua”, Fondo de Cultura Económica, México-Buenos Aires, 1947. Num trecho que ajuda a compreender as palavras de Blavatsky, Jesús escreve: “*O espanhol havia tido que lutar durante mais de sete séculos para emancipar-se do jugo muçulmano. Depois de uma guerra tão prolongada, o vencedor havia de ficar naturalmente supersaturado de qualidades heroicas, as quais, por tendência natural, se desviaram para a aventura. E na Espanha, espoliada até o limite pelos*

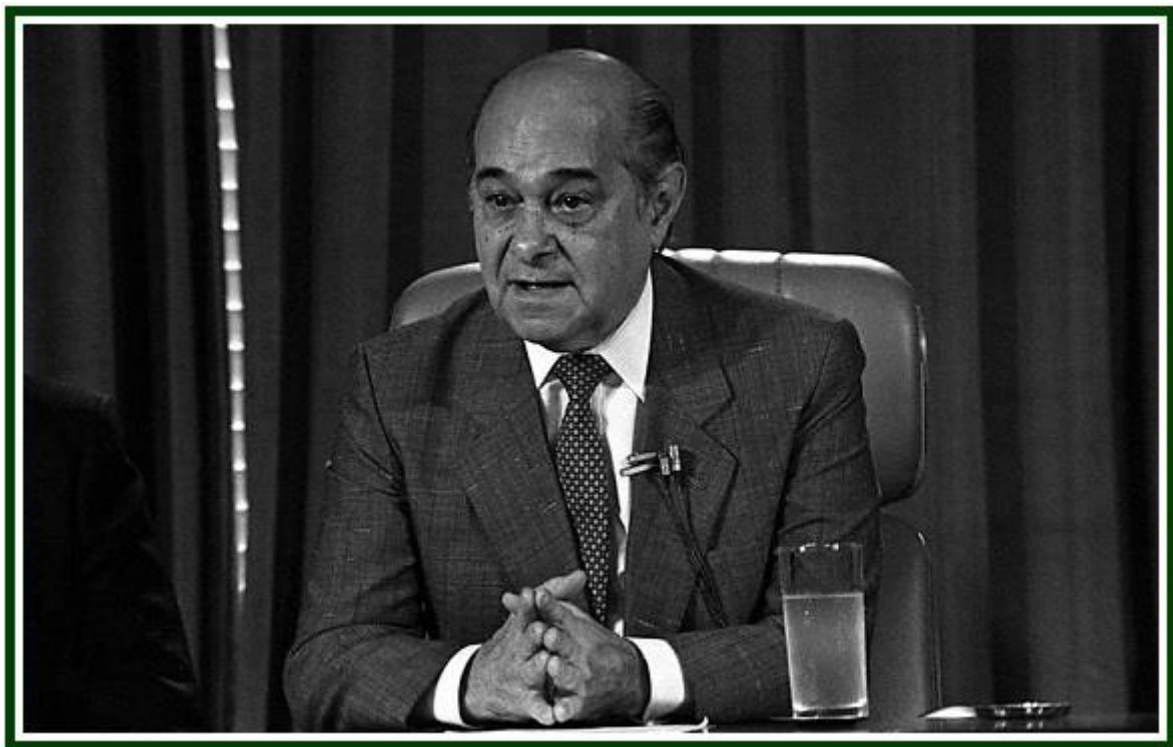
*califas, abriu-se uma ânsia enorme de ressarcimento. Por outra parte, no campo abandonado pelo Islã, foi derramada a semente católica com exuberância inusitada, até produzir uma intolerância sem paralelo na história das religiões.” A teosofia ensina a superar os extremos do ódio e do medo através da sabedoria, do altruísmo, e do bom senso.*

000

No Facebook, junte-se ao grupo “[La Sabiduría Andina](#)”.

000

## **É Pelo Uso do Pensamento Que Se Constrói um País: Visualizando o Futuro Com Tancredo**



**Tancredo Neves (1910-1985)**

Os websites associados têm diversos textos com práticas de meditação construtiva sobre o futuro da cidade e do país em que vivemos.

Não se trata de um fato isolado.

A tarefa de pensar no bem da nação em que estamos é inevitável e não pode ser deixada de lado, devido a um fato elementar. Todas as religiões e filosofias autênticas ensinam que o pensamento dá forma ao futuro.

Aquilo que pensamos constrói nossa vida. A consequência prática deste princípio fundamental é que para trilhar com êxito o caminho da felicidade é necessário concentrar o pensamento no potencial luminoso de cada um de nós, como indivíduos, assim como no potencial superior das nossas almas, das nossas famílias e grupos sociais.

A visão crítica é importante, porque aponta os erros a corrigir, mas o pensamento dominante deve estar ligado ao que há de melhor, de mais inspirador e de mais elevado.

Os fracassos de um país, assim como as derrotas de uma pessoa, são, por definição, apenas lições e indícios de acertos que ainda não ocorreram.

Tancredo Neves é, para o Brasil, o presidente-eleito que garantiu o final de uma ditadura, mas jamais assumiu a presidência. Tancredo é a esperança que ficou no ar. É o gol brilhante que sacudiu as redes mas não aconteceu. É a vitória que ficou para mais tarde.

Nas linhas a seguir, que transcrevem um pronunciamento de 1985, Tancredo dá um exemplo inspirador para os seres de boa vontade. Ele visualiza o bem no futuro do Brasil, em reunião do seu ministério já nomeado, mas que nunca chegou a governar com ele. Apesar da aparente derrota, a boa semente foi plantada e germinará de algum modo no momento certo.

## **Meditar no País do Futuro**

A meditação é válida para todos os povos. O princípio básico que a orienta - visualizar uma meta saudável - se aplica a quaisquer pessoas e grupos sociais bem-intencionados. Seja qual for o momento em que estamos, ela pode ser recebida como um presente.

Disse Tancredo Neves a seus ministros, durante reunião em 17 de março de 1985:

\* *“Quero convidá-los a visualizar, num futuro não muito distante, uma Nação em que haja sido abolida a insegurança gerada pela miséria, pela ignorância e pelo desemprego;*

\* *“Uma Nação em que todos os cidadãos possam almejar melhores condições de vida e alcançá-las através de seu próprio esforço;*

\* *“Uma Nação em que os menos afortunados e os menos aptos não sejam condenados a permanecer à margem do corpo social, mas dele recebam apoio solidário com vistas a sua integração na coletividade;*

\* *“Uma Nação que, seja em pequenas e médias cidades, nos campos ou nas grandes metrópoles, tenha orgulho de haver sabido organizar-se de forma a melhor usufruir das riquezas geradas por sua iniciativa e por seu trabalho;*

\* *“Uma Nação que, tendo podido atender às necessidades básicas de seus cidadãos, bem como as suas aspirações de consumo e lazer, disponha ainda de recursos excedentes para investir na continuada melhoria de seu padrão de vida.*

\* *“É indispensável nos conscientizarmos de que isto não é utopia. A construção dessa Nação está ao nosso alcance. Depende de liberarmos toda a energia e a vontade de nossa gente, num imenso mutirão para o progresso.” [1]*

A vitória precisa ocorrer primeiro no pensamento e no sentimento, para depois chegar ao plano físico. A felicidade ocorre naturalmente para aqueles que pensam da maneira correta.

O contentamento costuma surgir de dentro para fora, fluindo como a luz da alma para a vida externa. Cabe desenvolver e firmar de modo estável a nossa sintonia natural com o bem-estar próprio, vendo-o como uma realidade inseparável do bem-estar de todos os seres. (CCA)

NOTA:

[1] Reproduzido do livro “**Tancredo, Máximas e Citações**”, de Carlos Laranjeira, com apresentação de Adhemar de Barros Filho, São Paulo, 1985, 126 pp., p. 85.

000

Leia mais:

- \* [Meditando Pelo Despertar do Brasil.](#)
- \* [Meditando no Despertar da Minha Cidade.](#)
- \* [Meditando Pelo Despertar de Portugal.](#)
- \* [Meditação pelo Despertar Planetário.](#)
- \* [Meditando Pelo Despertar da Amazônia.](#)
- \* [Tancredo Desenha o Retrato do Brasil.](#)

000

## Deixando de Lado os Radicalismos Agressivos

# O Caminho do Bom Senso

\* A experiência demonstra que todas as vezes que tentamos radicalizar o nosso comportamento, nós nos demos muito mal.

\* Os historiadores sabem que muitas vezes a agressividade e o radicalismo não passam de formas de pânico, individuais ou coletivas, situações limite que, por isso mesmo, não podem durar, e, muito menos, ser permanentes.

\* Enfrentaremos com repulsa os radicalismos que agriem os sentimentos e as tradições nacionais. Repulsa a todos os radicalismos, tanto os de esquerda, que nos levam ao fanatismo ideológico, quanto os de direita, carentes de princípios e repletos de ambições de poder.

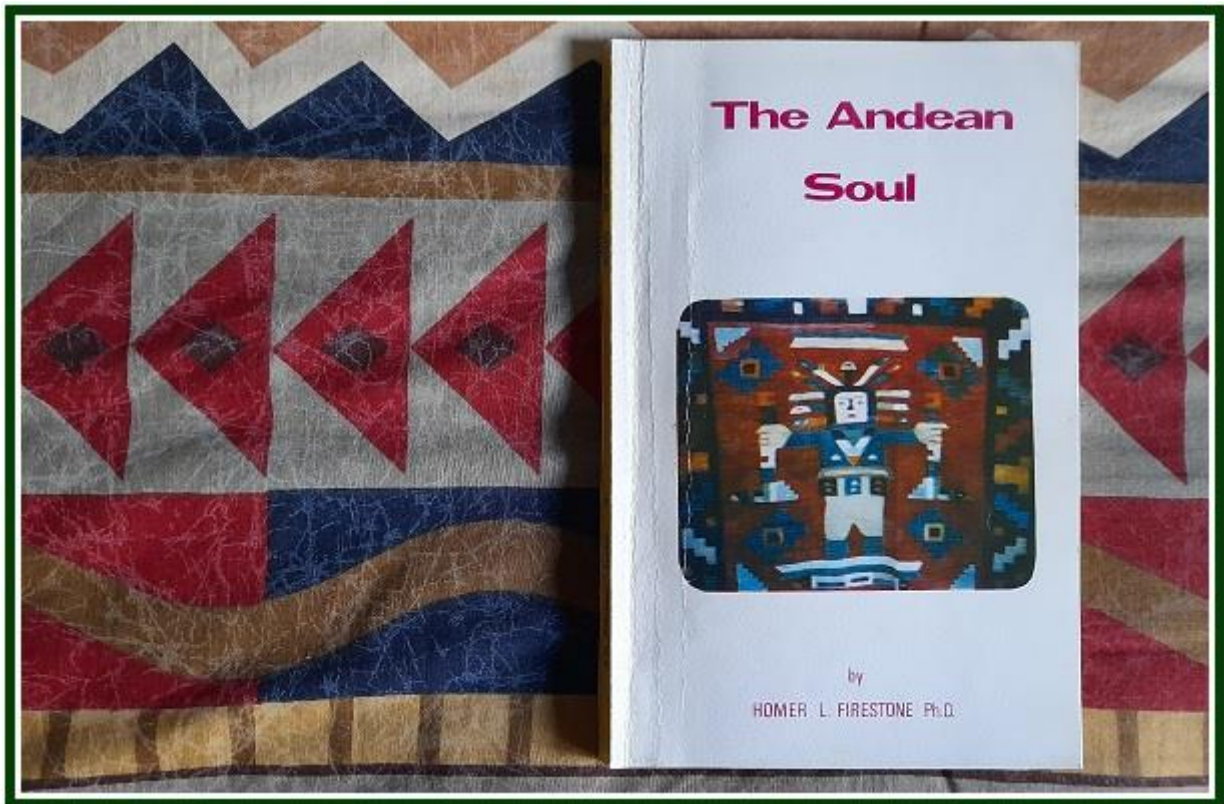
(Tancredo Neves)

[Do livro “**Tancredo, Máximas e Citações**”, Carlos Laranjeira, apresentação de Adhemar de Barros Filho, publicação independente, São Paulo, 1985, 126 pp., ver p. 101.]

000



## Aspectos Culturais da Emoção: **O Espírito, o Mistério e o Sentimento**



O livro “The Andean Soul”. O seu autor nasceu cem anos atrás, dia 10 de dezembro de 1921, e viveu até 1996.

Poucos escreveram sobre a interação entre o “ethos” de um povo - o seu senso de identidade coletiva - e a atitude emocional básica dos cidadãos. Homer L. Firestone discute o tema de modo extremamente inteligente em seu livro “The Andean Soul”, ao estudar o aspecto sociológico e antropológico dos hábitos emocionais. [1]

Esta obra de Firestone deixa claro que a educação moral dos indivíduos - desafio do qual Helena Blavatsky estava bem ciente - é em grande parte um sinônimo de educação emocional.[2] A emoção é cármica em seus padrões. Os sentimentos básicos definem o rumo do pensamento e são fator determinante do “destino” individual e coletivo.

Não é possível comprar *amor à verdade* no supermercado. E tampouco *sentido de justiça* ou *discernimento espiritual*. A base necessária desses fatores éticos está no mundo emocional de cada um, das famílias, e dos povos.

Falar e raciocinar, por si só, não levam ninguém à verdade. Durante séculos, a sociedade ocidental tem-se distanciado excessivamente das emoções - no plano consciente. O resultado prático disso é um cultivo subconsciente de emoções inferiores e egoístas, sob a aparência de “pura racionalidade”. O egoísmo surge também atrás de uma atitude pseudocientífica. A

produção deliberada de bombas atômicas em larga escala, desde a década de 1940, é um exemplo desta falta de sanidade mental. A mente saudável não se distancia das emoções, ainda que possa e deva transcender as emoções inferiores.

A prática cega e dogmática desta ou daquela religião é parte do problema da ignorância, porque separa o sentimento do raciocínio.

No caminho para reintegrar pensamento e sentimento, temos lições decisivas a aprender com as nações andinas e outras sociedades que são testemunhas de épocas anteriores de nosso planeta. Os povos descendentes da quarta raça - uma etapa anterior e pouco conhecida da evolução humana - nos ajudam a integrar melhor a razão com a emoção, de um lado, e com o nível divino da existência, de outro lado.

A chamada quarta raça, da qual descendem os povos andinos tinha grande parte da sua vida centrada no quarto princípio, o princípio emocional. A chamada quinta raça, da humanidade atual, cujo berço é a região da Índia, prima pelo desenvolvimento do raciocínio, atributo do quinto princípio. A sexta raça, da qual por enquanto só há os primeiros preparativos, e alguns pioneiros, estará centrada no sexto princípio, sede da alma espiritual. O momento de hoje da evolução humana - séculos 19 a 22 - requer que possamos transcender o pensamento isolado do sentimento, para alcançar a vivência da compaixão universal e da fraternidade sem fronteiras, e assim iniciar uma etapa melhor da evolução humana. Esta é a meta e a função do projeto teosófico. Blavatsky diz que haverá uma grande vitória antes do final do século 21.

O fato básico é que não há verdadeira razão humana, se ela não tiver uma relação saudável com o mundo do sentimento, com o ambiente natural, e também com o que é sagrado, infinito e eterno. E esta lição de unidade na diversidade nós podemos aprender pelo convívio com nossos irmãos mais velhos - entre eles, os povos andinos.

## **O Poder do Mistério**

A lição teosófica nos coloca diante de níveis radicalmente diferentes de consciência. Alguns estão abaixo do nosso nível médio de percepção e outros muito acima. A tarefa de unir pensamentos, sentimentos, intuição e ação pelo fio da coerência é complexa, e é socialmente difícil de realizar. No entanto, é inevitável. Terá de ser colocada em prática cedo ou tarde, de um modo ou de outro. E nem tudo pode ser posto em palavras no caminho espiritual: o pensamento é um instrumento limitado. É preciso conviver com a realidade do mistério. A verdadeira percepção vai muito além das palavras. Homer L. Firestone escreveu:

“Quando consideramos o mistério como um componente da emoção, fica mais fácil explicar por que motivo a ciência e o mistério podem coexistir dentro da mesma cultura, e até mesmo dentro do mesmo complexo cultural, sem provocar a desintegração da cultura nem dos elementos que participam dela.”

O mesmo pensador prossegue:

“O mistério não desaparece necessariamente com a explicação científica. Não só porque as pessoas rejeitam a explicação científica, mas porque a vida destituída de emoção e mistério não vale a pena ser vivida, e uma cultura sem mistério ou sem emoção não merece existir. Porque uma quantidade demasiada de explicações, produzida muito rapidamente, é desintegradora tanto para os indivíduos quanto para a cultura em que vivem. (...) O mistério é uma força estabilizadora necessária. (...) Os mistérios dão à cultura o tempero da vida. É por

isso que a religião nunca pode ser eliminada. Se ela for suprimida em um aspecto da cultura, ela se liga a outro aspecto.” [3]

Mistério quer dizer transcendência.

Nenhuma experiência suprema pode ser expressada plenamente em palavras. É no silêncio que se vivem as coisas mais importantes da vida.

Homer afirma que a religiosidade correta organiza as emoções, e dá a elas padrões e paradigmas estáveis e nobres. [4]

Podemos acrescentar que a religiosidade - inseparável da razão - funciona purificando as emoções. Através do contato com o mundo divino, a prática religiosa adequada funciona como uma estação de tratamento de efluentes astrais. Ela recicla material poluente, transmuta o carma individual e coletivo para melhor, transforma o chumbo em ouro e aprimora a alquimia mágica da alma que busca o mais elevado.

## NOTAS:

[1] “The Andean Soul”, de Homer L. Firestone, Ph.D., um livro raro e difícil de encontrar, publicado independentemente na Bolívia, copyright 1984, 103 pp. Ver Introdução.

[2] Sobre a visão de Blavatsky em relação à necessidade de educação moral, veja em inglês o artigo dela “[Moral Education, by Prof. Buchanan](#)”.

[3] Do livro “The Andean Soul”, de Homer L. Firestone, ver Introdução, página V.

[4] “The Andean Soul”, p. 100.

000

# Quando a Natureza Fala: **A Sabedoria das Montanhas**

Os mares nos ensinam algumas lições, e as montanhas ensinam outras. As tradições de sabedoria mostram grandes sábios subindo montes e montanhas e lá atingindo a iluminação.

Não é por acaso. Nas montanhas elevadas há um ponto de encontro entre o céu e a Terra. Quando visitamos uma das serras brasileiras ou portuguesas, podemos sentir o efeito psicológico e espiritual que a “sensação de ar mais puro” exerce sobre nossa consciência. O mesmo vale para todos os povos e países do mundo.

Os corpos físicos dos habitantes das cordilheiras - como a dos Himalaias e a dos Andes - estão adaptados às grandes altitudes. A região de Cochabamba, na Bolívia, oscila por exemplo em torno de 2500 e 2700 metros de altitude. La Paz, a capital do país, está a mais de 3500 metros de altura.

Quem nasce na região andina tem pulmões maiores e mais poderosos, porque o seu sistema respiratório é forçado a absorver mais ar. Assim a natureza compensa o fato de que a atmosfera em altitudes elevadas possui menos oxigênio.



Em uma montanha de altura significativa, é como se fizéssemos exercícios de respiração nas 24 horas do dia. Existe nestas condições algum processo de purificação sutil. A respiração funciona sobre bases superiores. O prana - a energia vital - parece ter mais força e pureza.

Há muitos séculos a vida nas montanhas é com razão considerada uma fonte de saúde física e emocional. No entanto, o efeito cultural e espiritual da vida nas montanhas é com frequência ignorado na época moderna.



**Uma cena da cordilheira dos Andes**

Esta forma de cegueira não existe nos Andes. Em quechua - um dos principais idiomas andinos - a palavra “Apu” significa ao mesmo tempo “Senhor” e “montanha nevada”. Assim como outros aspectos da natureza, cada montanha é vista como um espírito vivo.

A influência andina reforça e amplia por todo o mundo as formas contemplativas de perceber a vida diária.

Esta maneira de ser é simultaneamente física e metafísica. Surge da terra, do chão, do solo dos Andes. Emerge das suas montanhas assim como do céu que as rodeia. Surge também da cultura andina como um todo e da sua filosofia.

Montanhas significativas podem ser encontradas em inúmeros lugares ao redor do mundo. Ninguém vive muito longe delas.

Para as sociedades demasiado urbanas, que correm o risco de perder o bom senso e a conexão com a realidade prática das coisas, o ponto de vista das montanhas pode ser um apoio, uma inspiração, uma forma de retomar o sentido de estabilidade.

000

Ingresse no grupo “[La Sabiduría Andina](#)” no Facebook.

000

# Krishnamurti e as Ilusões Besantianas

## O “Avatar” Nem Sempre Mostrava Em Público Os Seus Reais Pensamentos



O “Senhor Cristo” pseudoteosófico e a Sra. Annie Besant em 1926, três anos antes de ele finalmente terminar a comédia abandonando a Sociedade Teosófica

Jiddu Krishnamurti foi cuidadosamente educado por Annie Besant e Charles Leadbeater para ser o avatar da nova era. E eles foram quase obsessivos em relação a isso. [1]

Na vida adulta, porém, Krishnamurti rejeitou por completo os ensinamentos dos dois e nunca demonstrou interesse pela pseudoteosofia Besantiana. Tampouco prestou atenção à teosofia original, ou à sabedoria clássica. Em vez disso, tornou-se um pensador que estranhamente denunciava como errado o próprio ato de pensar.

O professor indiano P. Krishna foi sobrinho de Radha Burnier (1923-2013), que presidiu a Sociedade de Adyar durante décadas. Seguidor ardoroso de Krishnamurti, P. Krishna contou um diálogo que ele teve com um amigo sobre como fora educado por Charles Leadbeater e Annie Besant.

P. Krishna escreveu:

“Certa vez um homem disse a Krishnamurti que ele havia tido muita sorte por ser educado na Sociedade Teosófica tendo professores como Leadbeater e Annie Besant. Ele respondeu: *‘Sim, tive muita sorte de ter professores como eles.’* E o homem acrescentou: *‘Nós não tivemos tanta sorte, precisamos ser educados em instituições convencionais. De que modo podemos encontrar a verdade?’* E ele respondeu: *‘Caro senhor, eu tive sorte porque tudo o que eles me diziam entrava por um ouvido e saía pelo outro.’* [2]

Esta é, em poucas palavras, a avaliação que Krishnamurti fez da filosofia de Annie Besant e da influência dela sobre ele.

Em seu artigo, P. Krishna desenvolve uma interpretação artificial e “politicamente correta” das palavras de Krishnamurti. Tais explicações e justificativas não têm interesse para nós: Krishnamurti era capaz de falar por si mesmo. Suas próprias palavras são muito claras, e ele sabia do que estava falando. O desabafo de Krishnamurti sobre a educação recebida de Besant e Leadbeater é a ponta de um *iceberg* que por razões políticas ele preferia manter submerso sob as águas.

Krishnamurti não tinha admiração alguma pela fraude pseudocristã fabricada pelos líderes da Sociedade de Adyar. No entanto, deixava-se ficar como cômodo beneficiário dela.

[\*\*Clique para continuar a leitura de  
‘Krishnamurti e as Ilusões Besantianas’\*\*](#)

NOTAS:

[1] Veja o artigo “**Fabricando um Avatar**”, de Carlos Cardoso Aveline, que está disponível em nossos websites associados. Leia também, do mesmo autor, o texto “**Krishnamurti e a Teosofia**”.

[2] “**Krishnamurti As I Knew Him**”, artigo de P. Krishna, diretor do Rajghat Education Centre, Krishnamurti Foundation - Índia, Varanasi. O texto foi publicado pela primeira vez na edição de maio de 1997 da revista “The Theosophist”, na Índia. O artigo transcreve uma palestra dada por P. Krishna em novembro de 1996 na Loja de Adyar da Sociedade Teosófica, em Chennai, na Índia.

000

## O Significado da Estrela de Natal

**Como a Teosofia Vê a  
Lenda do Nascimento de Jesus**

[\*\*Clique para ver o artigo\*\*](#)

000

# Ideias ao Longo do Caminho

## Os Crentes, os Céticos e a Idade da Razão



\* **M**anter os pés no chão é tão importante quanto elevar os pensamentos até o Céu mais abstrato. Expandir os horizontes é fundamental, porém um espírito prático e uma atitude humilde são igualmente indispensáveis.

\* Como acontece a expansão de consciência em teosofia? Uma das principais utilidades da percepção conceitual, que funciona através do raciocínio aparentemente retilíneo, é preparar o foco da atenção para o salto espontâneo na direção do mais elevado.

\* No patamar superior, o pobre raciocínio indutivo e dedutivo será abandonado como um par de muletas úteis na convalescença, mas agora sem serventia. Porém melhor que a ideia de muletas é a imagem das rodas de um avião. Elas parecem inúteis enquanto a aeronave está no ar, mas voltam a ser extraordinariamente importantes a partir do momento em que o avião precisa tocar o solo outra vez.

\* Céu e terra se complementam, e toda aeronave eficiente pode deslocar-se corretamente tanto no ar quanto no chão. Do mesmo modo, a mente do peregrino bem informado é capaz de funcionar não só no alto - sem 'raciocínio' - mas também no nível do alicerce material, isto é, usando as operações mentais básicas e observando de modo sensato os níveis físicos e emocionais do viver. A tarefa do peregrino é aprender a operar coerentemente nos diversos níveis de consciência.



## **Os Crentes e os Descrentes**

\* A vida ensina a pensar por si mesmo com equilíbrio e discernimento. Acreditar em tudo ou não acreditar em nada não faz muita diferença porque nos dois casos o cérebro parou de funcionar. [1]

## **Chegando à Idade da Razão**

\* Diz com alguma ironia um ditado popular: “Aos 20 anos de idade, quem não é revolucionário não tem coração; mas aos 50, quem não é conservador é porque não tem cérebro”. Em outras palavras, a experiência mostra que boa intenção não basta. Porém é essencial que o altruísmo brilhe com força na juventude. Uma juventude egoísta fecharia a porta do futuro para a sociedade.

\* A teosofia original resolve o conflito entre coração e cérebro. A filosofia esotérica ensina que a vida é uma série de testes e não uma estrada cômoda. Ela mostra os contrastes da alma humana indicando como transcendê-los com realismo. A compaixão pelo sofrimento do mundo deve expressar-se através de atos solidários, e não destrutivos. O bom senso da idade madura não é o suficiente: ele precisa ser orientado pela boa vontade.

NOTA:

[1] Comentário de Carlos Cardoso Aveline em entrevista ao programa “[Vida Inteligente](#)”, dia 04 novembro de 2021.

000

# **O Poder Espiritual do Casamento**

**Pitirim A. Sorokin**

O casamento é uma prova social da maturidade física, mental, emocional, espiritual e cívica do indivíduo. Implica a momentosa transformação de um rapaz num marido-pai e de uma moça numa esposa-mãe, com as mudanças correspondentes em sua posição, privilégios e responsabilidades sociais.

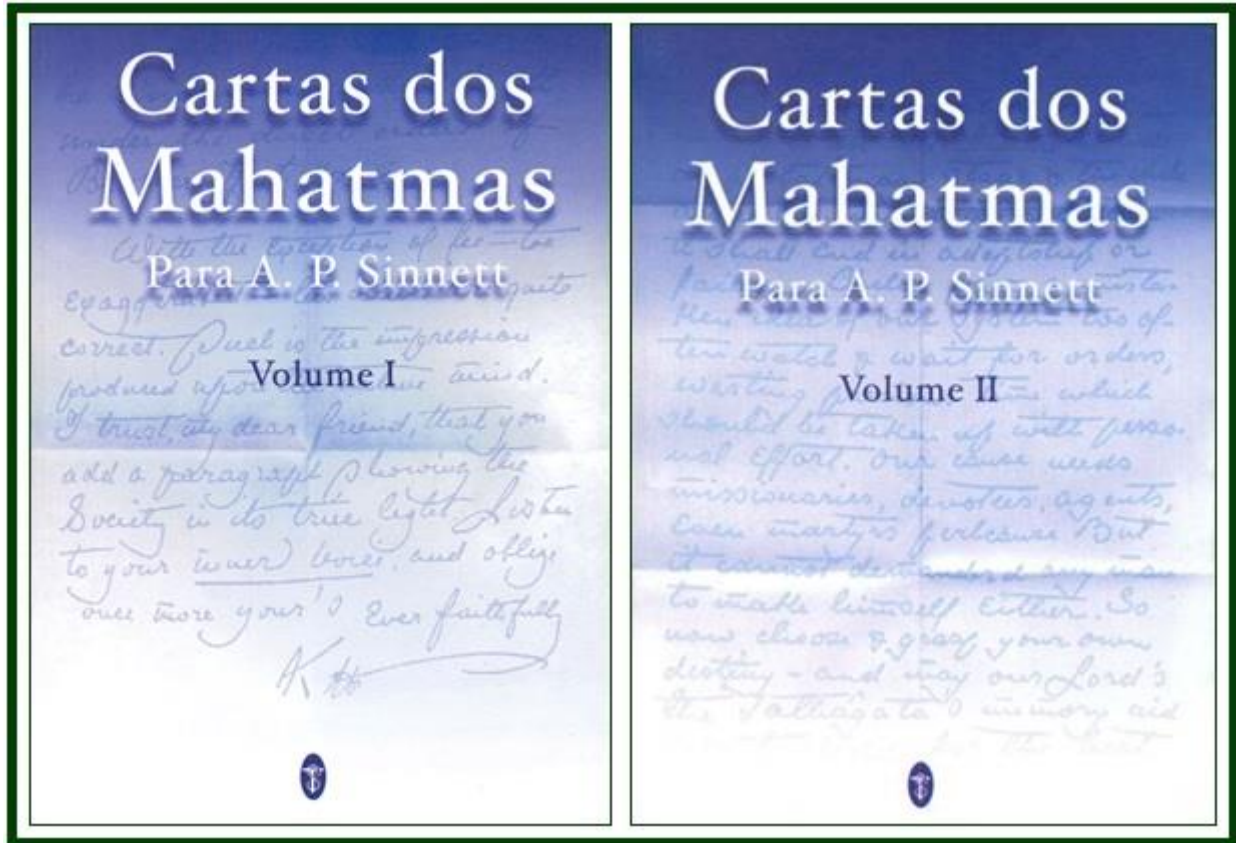
Para uma grande maioria dos homens e mulheres, o casamento é a unificação mais vital, mais íntima, mais completa, do corpo, da mente e do espírito em um *nós* socialmente aprovado e indivisível. Num bom casamento fundem-se os egos individuais das partes. As alegrias e pesares de um tornam-se as alegrias e pesares do outro. Todos os seus valores, aspirações e vicissitudes da vida passam a ser inteiramente compartilhados. Sua mútua lealdade é empenhada incondicionalmente, até que a morte os separe. O laço do casamento é verdadeiramente sagrado e indissolúvel.

Uma união assim tão completa constitui o mais poderoso antídoto contra a solidão. Desenvolve e expressa amor em sua forma mais nobre e melhor, no enobrecimento moral do casal e na verdadeira socialização dos filhos.

**[Clique Aqui Para Continuar a Leitura](#)**

000

## Estudando as Cartas: **Oito Regras do Discipulado**



Passamos a relatar um estudo feito durante a tradução das Cartas dos Mahatmas para o português, sobre algumas das regras do discipulado que estão indicadas, direta ou indiretamente, na correspondência dos Mestres com discípulos leigos.

Em alguns casos as normas não são mencionadas pelos instrutores, mas podem ser deduzidas e formuladas com segurança - embora em termos gerais - a partir das Cartas.

A ordem sequencial dos itens é menos importante do que o significado de cada um deles. Aqui estão oito normas, para começar a tarefa. A sigla **CMPAPS** significa “Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett”.

### **Primeira**

**O discípulo está proibido de contar com a ajuda dos Mestres.** (A ideia está claramente colocada, com outras palavras, no parágrafo dois da carta 125, CMPAPS, vol. II, p. 272)

Comentário: Conforme Blavatsky afirma em “[Chelas e Chelas Leigos](#)”, antes de desejar, é preciso fazer por merecer. A independência é uma lei.



## **Segunda**

**“As leis [do ocultismo prático] são imutáveis, e ninguém pode voltar atrás depois de dar uma ordem.”** (*Linhas iniciais da carta 126, CMPAPS, vol. II, p. 273*)

Comentário: A justiça é imparcial. As leis fundamentais da natureza são inalteráveis.

## **Terceira**

O cumprimento ético do dever está acima de outras considerações. O Mestre escreve:

**“... O dever (...) é para nós mais forte do que qualquer amizade ou mesmo amor; já que sem este princípio permanente, o cimento indestrutível que tem unido durante tantos milênios os guardiães esparsos dos grandes segredos da natureza - nossa Fraternidade, e mais, a nossa própria doutrina, teriam se desmanchado há muito em átomos irreconhecíveis.”** (*Parágrafo um da carta 126, CMPAPS, vol. II, p. 273*)

Comentário: A ética é a arte de plantar bom carma.

## **Quarta**

Observar e levar em conta o processo mayáxico. A regra número quatro não está formulada nas Cartas mas pode ser deduzida de um trecho delas.

O mestre afirma:

**“Vejo que você é incapaz de forçar as suas melhores aspirações - alimentadas pela corrente de uma real devoção pela Maya que você próprio fez de mim - (um sentimento que sempre me tocou profundamente) - a erguer a cabeça contra a razão fria e espiritualmente cega (...).”** (*Parágrafo um da carta 126, CMPAPS, vol. II, pp. 273-274*)

Que um ou outro discípulo leigo tenha formado uma imagem mayáxica do Mestre não é um fato isolado.

Longe disso.

Todos podemos perceber que as outras pessoas, mesmo próximas, com frequência têm imagens ilusórias a nosso próprio respeito, e que o mesmo ocorre da nossa parte em relação a elas. O que pensamos de uma pessoa muda com o tempo. Mesmo a imagem que temos dos nossos pais muda, e não deixa de evoluir e corrigir a si mesma nem mesmo longo tempo depois de eles viverem, porque quanto mais vivemos, melhor conhecemos os nossos pais. Nossa própria autoimagem é grandemente ilusória, como mostra a psicologia autêntica. A imagem que todo cidadão tem de si mesmo oscila conforme fatores precários e ondulantes. Maxwell Maltz concebeu uma psicoterapia ou caminho para a felicidade com base na construção de uma autoimagem saudável.

Se a autoimagem nossa é vaga e oscilante, requerendo constante vigilância, o que dizer, então, da imagem que possamos ter dos outros, ou da imagem que possamos ter de um Mestre? É preciso ter modéstia e flexibilidade com imagens criadas.

A regra quatro, obtida por inferência, afirma, portanto, com estas ou com outras palavras:

**Cabe lembrar que a concepção que possamos ter sobre os Mestres é em grande parte mayávida, e mesmo assim é válida em sua essência, especialmente se vier de uma busca sincera, impessoal, e de um estudo bem documentado, estando sujeita ao processo vivo do aprendizado e da observação autocrítica. Todo buscador da sabedoria deve manter flexibilidade e elevação na forma como pensa nos Mestres. O pensamento deve ser abstrato e impessoal.**

## Quinta

Uma humilde perseverança é condição básica.

Cabe ter uma visão de longo prazo e conviver com condições pouco agradáveis. O Mestre escreveu:

**“ ‘Paciência, paciência. Um grande plano nunca foi apreendido de imediato.’ Já foi dito a você, no entanto, que o caminho para as Ciências Ocultas tem de ser trilhado laboriosamente e percorrido com perigo de vida; que cada novo passo nele, que leva à meta final, é rodeado por armadilhas e espinhos cruéis; que o peregrino que se aventura por ele é obrigado primeiro a confrontar e *vencer* as mil e uma fúrias<sup>1</sup> que guardam seus portões e sua entrada adamantinos<sup>2</sup> - fúrias chamadas Dúvida, Ceticismo, Desprezo, Ridículo, Inveja e finalmente Tentação - especialmente a última; e que aquele que quiser ver *mais além* tem primeiro de destruir este muro vivo; deve ter um coração e uma alma vestidos de aço e uma determinação de ferro, que nunca falha, e no entanto deve ser amável e gentil, humilde, e deve ter expulsado do seu coração toda paixão humana, que leva ao mal.”** *(Tal como no trecho citado na quarta regra, estas palavras estão no longo parágrafo um da carta 126, CMPAPS, vol. II, p. 274)*

## Sexta

Um mestre não se considera autorizado a criticar ou advertir um não-discípulo, ou um discípulo de outro Mahatma.

Vemos isso a partir das duas frases finais da Carta 125, em “Cartas dos Mahatmas”, vol. II, p. 273: o Mestre pede desculpas por ter sido franco, e explica que isso foi para benefício do próprio Sinnett.

---

<sup>1</sup> Fúrias: na mitologia clássica, divindades femininas que puniam crimes, instigadas pelas vítimas, e vingavam os deuses. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

<sup>2</sup> Adamantinos - isto é, feitos de diamantes. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

## Sétima

A lei da conservação da energia. O uso de poderes especiais só pode ocorrer quando estritamente necessário.

Abordando o modo imperfeito como as suas cartas são transmitidas e materializadas, o mestre escreve:

**“Se não fosse pela REGRA que nos proíbe usar qualquer poder antes que todos os meios comuns tenham sido tentados e falharem, eu poderia, naturalmente, ter dado a você uma ótima ‘precipitação’ em relação a caligrafia e redação. Eu me consolo em relação à aparência lamentável das minhas cartas com a ideia de que talvez você não dê menos valor a elas por causa destas marcas da minha limitação pessoal, devido às dificuldades de beira de estrada, que vocês, ingleses, habilmente reduzem a um mínimo com seus recursos e instrumentos. Como a sua senhora certa vez amavelmente comentou, isso afasta muito eficazmente a impressão de que se trata de milagres, e nos torna como seres humanos, entidades mais pensáveis - uma sábia reflexão pela qual agradeço a ela.”**  
(*“Cartas dos Mahatmas”, vol. I, Carta 68, pp. 316-317*)

Aqui também o Mestre faz questão de ensinar que a condição de Adepto implica precariedade das ações que o Adepto desenvolve junto ao Carma humano comum. A ponte entre céu e terra é precária, não por causa do céu, mas por causa da terra.

Na metade superior da página 317, o mestre também revela que Damodar, aprendiz brilhante, falhou com seu dever de preservar suas próprias energias, e anuncia que o terá de “tirar de circulação”, convidando-o para ser discípulo regular nos Ashrams dos Mestres. O instrutor faz isso em linguagem que evita ou reduz a provável inveja por parte de Sinnett. A má vontade entre colegas de aprendizado é um perigo; é extremamente nociva para o Antahkarana, e deve ser evitada sempre que possível. Diz o mestre:

**“Olcott está a caminho de Lanka, e Damodar fez as malas para Poona por um mês; suas austeridades tolas e trabalho duro abalaram sua constituição física. Terei que cuidar dele, e talvez retirá-lo, se as coisas se encaminharem para o pior.”**

No parágrafo seguinte, ainda na p. 317, o mestre mostra como a energia da loja dos Adeptos é preservada para os grandes desafios, e não desperdiçada em coisas menores.

Cabe trazer, antes das palavras do Mestre, a nota explicativa que coloquei na edição brasileira das Cartas:

“Controlado por forças conjuntas inglesas e francesas, o Egito mostrava desde 1879 sinais crescentes de movimentação nacionalista. Em 1882, o líder popular Arabi Pasha comandou uma revolta. No começo do ano o governo egípcio assumiu posições independentes das forças coloniais, e Arabi assumiu o Ministério da Guerra. As frotas inglesas e francesas foram deslocadas para Alexandria em maio. Em junho, houve um massacre naquela cidade, mas a resistência prosseguiu. Em 11 de julho, os ingleses bombardearam os fortes da cidade. Uma força expedicionária inglesa esmagou as forças de Arabi em 13 de setembro. A Carta do Mahatma foi recebida precisamente em julho de 1882.”

Diz então o mestre:

**“Neste exato momento posso dar-lhe alguma informação sobre a questão tão discutida de permitirmos fenômenos. As operações egípcias dos seus abençoados compatriotas envolvem tamanhas consequências locais para o corpo de Ocultistas que ainda permanece lá e para aquilo que eles estão protegendo, que dois dos nossos adeptos já estão lá, havendo-se somado a alguns irmãos Drusos, e três outros estão a caminho. Foi-me oferecido o agradável privilégio de ser testemunha ocular da carnificina humana - mas recusei, agradecendo. É para grandes emergências como esta que a nossa Força está estocada, e portanto não ousamos desperdiçá-la em um elegante *tamasha*.”**<sup>3</sup>

Podemos tirar deste trecho, portanto, três conclusões:

- 1) Os mestres operam prioritariamente nos planos superiores de consciência devido, entre outros fatores, à lei da conservação da energia.
- 2) Os Mestres estão presentes no drama do Oriente Médio;
- 2) Há grandes ocultistas drusos.<sup>4</sup>

A carta 68, de que estamos falando, termina mencionando o Nirvana. E o Nirvana é o *estágio máximo da conservação da energia*.

## **Oitava**

Inofensividade no plano pessoal. Ahimsa. Abstenção de violência física, emocional e mental. Uma calma franqueza não é violência. O mestre menciona um voto dos Arhats que é válido para todo aspirante sincero à sabedoria:

**“Meus votos de ‘Arhat’ foram pronunciados, e eu não posso buscar vingança nem ajudar outros a obtê-la.”** (*“Cartas dos Mahatmas”, volume I, Carta 34, página 175*)

(CCA)

000

Leia mais:

\* [Como Meditar nos Mestres](#).

\* [O Círculo de Estudo Sobre Discipulado](#).

\* Outros textos sobre [Mahatmas, Discípulos e a Busca do Discipulado](#).

---

<sup>3</sup> *Tamasha*: uso ou demonstração prática de poderes ocultos. (CCA)

<sup>4</sup> HPB foi iniciada como membro dos drusos. Os drusos são bem tratados em Israel, e o Egito hoje é o principal aliado árabe de Israel na região, no combate ao terrorismo e em outras questões estratégicas. Devido ao trabalho dos inimigos do humanismo entre a população muçulmana, no entanto, a cooperação entre Egito e Israel não é muito visível nem muito ostensiva. (CCA)

